



# SALA DE LEITURA

EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL - PECA

VERSÃO PARA APRENDIZES

Público

NÃO FORMAL

MÓDULO 10b

## MÓDULO: ÁGUA, DE QUEM É O DIREITO DE CONSUMI-LA?

### 1. IDENTIFICAÇÃO DO MÓDULO – 10b

**TEMA:** (X) Energia, Alimento e Sustentabilidade

**TÓPICO:** Conflitos no uso da água

**MÓDULO:** ÁGUA, DE QUEM É O DIREITO DE CONSUMI-LA? (NF, 10b, Anabel de Lima)

#### ROTEIRO DE LEITURA

**Texto: “Agricultor pena com a maior seca da história”.**

Leia o texto e reflita sobre as seguintes perguntas:

1. Diante da estiagem e conseqüente crise hídrica que aflige o Distrito Federal, agricultores tiveram a captação de água para irrigação diminuída para não interferir na captação para distribuição em residências. Essa atitude foi acertada, colocando o abastecimento doméstico frente ao agrícola, mesmo que isso custe a diminuição da colheita de alimentos?
2. Produtores de culturas que não estão ligadas diretamente à alimentação, como o cultivo de flores, tiveram o abastecimento restrito diante do problema da escassez, essa questão pode contribuir para geração de conflitos no uso da água? Se sim, de que forma?
3. Que atitudes estão sendo ou podem ser tomadas para que o prejuízo seja menor aos agricultores diretamente?

# Cidades

## + política e economia no DF

Editoras: Cristine Gentil (Cidades) e Ana Maria Campos (Política)  
cristinegentil@adabr.com.br e anamacampos@adabr.com.br  
Tels.: 3214-1199/3214-1119 Fax: 3214-1195  
Atendimento ao leitor: 3214-1000  
cidades.df@adabr.com.br

Brasília, quinta-feira, 13 de outubro de 2016 • CORREIO BRAZILIENSE • 19

**CRISE HÍDRICA /** Diante da falta de chuva, produtores do DF abrem mão da safrinha e se preocupam com a próxima colheita. O revezamento de água tornou-se constante no campo. Como resultado, alguns alimentos chegam até 100% mais caros ao consumidor

# Agricultor pena com a maior seca da história

» FLÁVIA MAIA  
» RAFAEL CAMPOS

A propriedade do agricultor Rodrigo Barzotto Werlang, 38 anos, localizada em Planaltina, ganhou uma nova coloração neste outono seco: o tom amarelado. Acostumado a ver pés de milho altos nesta época do ano, ele espera o aval de São Pedro para começar uma outra safra, já que perdeu 80% da atual. "Se estivéssemos em um ano normal, todo esse terreno estaria verde". Rodrigo e outros milhares de agricultores do Distrito Federal são personagens da história da mais expressiva crise hídrica vivida na capital do país. Os produtores sofrem duas pressões: a falta de chuva e a redução da captação de água para as plantações no intuito de não atrapalhar o abastecimento nas residências. Esta semana, os principais reservatórios da capital do país — barragens do Descoberto e de Santa Maria — chegaram aos volumes mais baixos da existência. Há previsão de que o Descoberto atinja, em breve, 25% e se inicie a cobrança de um valor a mais na fatura mensal de água.

Na gestão do escasso recurso hídrico, os produtores tiveram que aprender a reaver a água, a deixar campos sem plantação e a abrir mão da safrinha. Segundo dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do DF (Emater), na seca de 2016, houve queda de 70% na produção de grãos e diminuição de 30% da área plantada. As produções de milho e feijão foram as mais afetadas, assim como as hortaliças sentiram o peso da falta de água. O resultado começa a refletir no preço de itens da feira, como tomate, milho, chuchu e batata, que chegaram a subir até 100%.

A situação está tão alarmante que, pela primeira vez na história do DF, um canal rural teve que ser fechado para evitar desabastecimento de água ao consumo humano. O acesso fica na região do Descoberto e a água era usada para cultivo de plantas de paisagismo. "Com a baixa do reservatório, priorizamos o abastecimento das casas e as plantações destinadas à alimentação", explica Hudson Rocha de Oliveira, coordenador de Fiscalização da Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento do DF (Adasa).

Outros canais agrícolas, como o Santos Dumont, no Pítipipi, em Planaltina, e o Itorondor, na Bacia do Descoberto, próximo a Ceilândia e Águas Lindas (GO), tiveram as vazias reduzidas. Dessa forma, os produtores estão com menos acesso à água. No Santos Dumont, a quantidade do líquido disponível para agricultura caiu pela metade; no Itorondor, a queda foi de 30%. A saída encontrada pelos agricultores foi o revezamento — a propriedade fica 24 horas com acesso à água e 48 horas sem. Nas fazendas localizadas na região do Rio Preto, em Planaltina, onde há propriedades maiores e com uso de pivô, a solução foi mais radical: como a vazão do Ribeirão Extrema estava baixa, todos os grandes produtores suspenderam as plantações desde julho para não ligar os equipamentos de irrigação e, assim, abriram mão da safrinha.

### Estratégias

Para evitar que as estiagens prejudiquem a produção de

Foto: Danilo F. B. A. Peres



Na propriedade de Rodrigo Werlang, em Planaltina, o verde da plantação deu lugar ao tom amarelado do milho queimado pela forte estiagem: agricultor perdeu 80% da safra

Foto: Danilo F. B. A. Peres



Eurípedes vende os produtos que cultiva na Ceasa, mas não descarta desistir da lavoura no próximo ano

### Reflexo

A agricultura foi o primeiro setor a perceber que o somatório de uso indiscriminado, ocupação irregular do solo e alteração do regime de precipitações poderia render um quadro no qual a Barragem do Descoberto, principais reservatório local, chegou a 30,2% de seu volume útil. O de Santa Maria atingiu 45,64% — são os menores índices da série histórica. Pela legislação, a prioridade sempre é o abastecimento humano.

alimentos no futuro, a estratégia traçada pela Adasa consiste em combater as perdas no transporte da água. No Santos Dumont, por exemplo, nos 20 quilômetros de extensão, a perda é de 40%, esse volume de água dissipada seria suficiente para abastecer cidades com o porte de Planaltina e de Brasília. Por isso, a agência tem projetos para transformar os ca-

nais que correm a céu aberto em tubulações para, assim, diminuir a perda de água no trajeto do rio à propriedade.

Enquanto os órgãos públicos pensam na melhor gestão para que os recursos sejam suficientes para todos, os produtores começam a se adaptar à escassez vivida na pele. "A falta d'água começou a ser sentida em outubro de 2015, porque choveu pouco. Até então, os reservatórios estavam normais. Mas, em abril deste ano, a situação foi se agravando e começamos a ter pouca água para os sistemas de irrigação", comenta o produtor Rodrigo Werlang, que vive no PADJ, em Planaltina. "Perdi entre 30% e 40% na safra que ainda não foi plantada, porque, como ainda não pude começar, vou plantar atrasado. Na passada, tivemos perdas que chegaram a 80% por falta de água", garante Werlang, que está há 34 anos na região e diz que jamais viu uma situação tão crítica.

A 70km dali, o drama se repete. Desde 1970, a chácara na Estrutura em que vive o pai do agricultor

Eurípedes Ferreira da Silva, 54 anos, tem uma cisterna. "Nunca ela havia ficado sem água. Este ano, secou pela primeira vez", relata. Desde que começou a plantar em seu próprio terreno, em 1986, ele tem no cuidado com as nascentes um dos seus objetivos como produtor. "Mas essa atitude é de poucos. Estão destruindo nascentes, cavando poços e ririguetim preserva nada. A água da minha chácara não está contaminada pelo Lixo (da Estrutura) porque eu cuida". Eurípedes, que produz, entre outros vegetais, mandioca e quiabo, diz que, caso a situação se repita no ano que vem, ele vai desistir da lavoura. "É triste, mas sem água não é possível".

Segundo dados do Instituto de Meteorologia, o ano de 2016 ainda sofre as consequências da pouca chuva e das altas temperaturas do ano passado. Em 2015, choveu 19% a menos do que a média. Neste ano, nos nove primeiros meses, choveu mais do que no mesmo período do ano anterior. Entretanto, não foi o suficiente para recompor a perda.

## Feira está mais cara

O reflexo da escassez de água na agricultura começa a chegar na feira e nos supermercados. Produtos mais dependentes de água, como milho, quiabo, chuchu, abóbora, batata-doce e tomate, estão mais caros, segundo o índice semanal divulgado pela Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa-DF). O impacto nos preços não está mais expressivo por conta da crise econômica que o país vive, que leva à diminuição do consumo de alimentos e à formação de estoque. "Mas se a produção estivesse normalizada, certamente, o preço dos alimentos estaria mais em conta", analisa Adalmyr Moraes Borges, coordenador de operações da Emater. O tomate chegou a subir 100% em setembro. O quiabo, 43,37% na primeira semana de outubro, assim como o chuchu aumentou 26,46%, e a batata, 22%. O milho também subiu e tem impactado na criação de animais, uma vez que o grão é o principal elemento da ração. Assim, leite, ovos e carne também sofrem com a queda de produção. O economista da

Ceasa-DF João Bosco Soares Filho explica o peso da crise econômica para composição dos preços. "Você tem de olhar produtos específicos, porque a cesta, no geral, não tem recuperado seu valor de mercado". A cesta que ele cita é a seleção de produtos analisada mensalmente pelo setor de estatística da Ceasa.

Marcos Franco, engenheiro agrônomo da Ceasa, explica que, no caso do mercado do DF, a crise hídrica nacional (também influenciada no preço). "Apenas 25% do que é comercializado na Ceasa é produzido no DF, o restante vem de fora".

Presidente do Sindicato dos Produtores Orgânicos do DF (Sindprodorgânicos), Éder Diniz lembra que, mesmo para esse tipo de plantação, com manejo sustentável da água, a crise hídrica tem causado prejuízos. "Lá culturas que, antes, recebiam duas regas diárias e agora só recebem uma". O especialista garante que os itens de ciclo longo, como as frutas, sentiram o impacto da falta d'água em 2017.

### Para saber mais

## Tarifa de contingência

Segundo cálculos da Agência Reguladora de Águas do DF (Adasa), o Descoberto vem perdendo 0,4% de volume no dia. Dessa forma, se não chover o suficiente e o consumo não cair em duas semanas, o nível do reservatório deve chegar a 25%, índice estabelecido pela resolução da Adasa para início do acréscimo no boleto mensal enviado à residência do consumidor. As normas da cobrança foram publicadas na segunda-feira, no Diário

Oficial do DF. O adicional será cobrado para as residências que ultrapassarem o consumo mensal de 10 mil litros de água. O valor será discriminado no boleto a ser pago, em modelo similar às bandeiras tarifárias da energia elétrica. O dinheiro arrecadado pela Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Casab) será destinado a uma conta contábil e só poderá ser usado para investimentos ou custos relacionados à crise hídrica.